

ELEMENTOS DO PENSAMENTO DO FRANCISCO SOBRE EDUCAÇÃO: um projeto para além da fronteira religiosa

Elements of Francisco's thinking about education: A project beyond the religious frontier

Valéria Andrade Leal¹
IPFER – Paraná/ Brasil

RESUMO: O presente trabalho é o resultado de análise documental dos principais discursos do Papa Francisco sobre a educação, sem esquecer textos programáticos como a Evangelii Gaudium e Laudato Sì e o texto “Educar ao humanismo solidário”, da Congregação para Educação Católica. Visa destacar os principais elementos do pensamento do Papa Francisco acerca da educação, bem como provocar reflexão no meio escolar acerca de como tais mensagens mobilizam ações concretas e refletir acerca das relações humanas na própria escola. A investigação aponta para uma ação educativa que tem em vista um projeto de humanidade, por isso o humanismo solidário. Francisco destaca a importância de educar a pessoa na sua integralidade e a necessidade de prepará-la para viver em sociedade e pensar no bem comum. Seus gestos e palavras são coerentes e expressam posicionamentos claros acerca da necessidade de promover, por um pacto educativo entre família, escola, sociedade e Igreja, a transformação da sociedade para maior solidariedade e diálogo, sem desconsiderar, para as instituições católicas, a dimensão da fé e da esperança cristã.

Palavras-chave: Educação. Humanismo solidário. Transformação social.

ABSTRACT: The present text is the result of a documentary analysis of the main speeches of Pope Francis on an education, without forgetting programmed texts such as Evangelii Gaudium and Laudato Sì and the text "Educating to fraternal humanism" of the Congregation for Catholic Education. It aims to highlight the main elements of Pope Francis's thinking about education, as well as provoke reflection in the school environment about how such messages mobilize concrete actions and reflect on human relations in the school itself. The survey indicates to an educational action that has in intent a project of humanity, for that reason the fraternal humanism. Francis emphasizes the importance of educating the person in its integrality and the need to prepare it to live in society and to think about the common good. Their gestures and words are coherent and express clear positions on the need to promote, through an educational pact between family, school, society and Church, the transformation of society to greater solidarity and dialogue, without neglecting for Catholic institutions the dimension of faith and Christian hope.

Keywords: Education. Fraternal humanism. Social transformation.

¹ Pesquisadora do Instituto de Pesquisa e Formação Educação e Religião (IPFER). Mestre em Teologia e Licenciada em Pedagogia pela Pontifícia Universidade Católica do Paraná (PUCPR). Foi Assessora de Pastoral Escolar da Rede de Educação Sagrado. E-mail: vandradeleal@gmail.com.

Introdução

Não é difícil identificar nas falas do Papa Francisco qual o seu pensamento sobre a educação e em particular, sobre a educação católica. As muitas vezes em que se pronuncia sobre o assunto mostra a importância que atribui ao tema tendo em vista o cuidado pastoral com a pessoa humana e o quanto ela pode contribuir para que o seu “plano de governo” se realize. Ao que indica seus atos e seus escritos, dirigidos “a cada pessoa que habita este planeta” (LS, n.3), seu projeto ultrapassa os muros da Igreja e se estende a toda a humanidade.

Francisco apostava na transformação das realidades desafiadoras para garantir o bem estar de cada pessoa e entende que a educação precisa estar direcionada a esta meta. Tem em mente a realidade concreta, o mundo globalizado influenciado pelo “paradigma tecnocrático”, as injustiças sociais e a degradação do meio ambiente, fruto da crise ética, que é também uma crise educativa. Desta forma, pensa no ser humano na sua integralidade. A promoção de iniciativas no campo educativo, como o projeto *Scholas Ocorrientes* e a criação da Fundação *Gravissimum Educationis*, atestam a importância da formação integral, no entender de Francisco, bem como da relevância da educação extramuros da escola. Em diversas ocasiões o Papa Francisco chama a atenção para a necessidade de restaurar o “pacto educativo” “entre escola, família e sociedade”, considerando que todos são responsáveis pela formação das novas gerações. Nos momentos em que se posiciona diante de estudantes e de educadores, nunca deixa de falar da importância da educação integral, para o diálogo, para o convívio harmonioso com o diferente, que contemple todas as dimensões da pessoa, cabeça, mãos e coração. Enfim, uma educação que seja humanizadora.

Este trabalho, de análise documental, fruto de uma primeira fase de pesquisa, visa destacar alguns dos principais elementos do pensamento do Papa Francisco acerca da educação a partir de um breve estudo de alguns de seus discursos a grupos de estudantes, educadores ou entidades educativas, os textos da *Laudato Si* e *Evangelii Gaudium*, que confluem para elaboração do texto “Educar para Humanismo Solidário”, da Congregação para Educação Católica. Busca também provocar reflexão no meio escolar acerca de como tais mensagens mobilizam ações concretas e refletir acerca das relações humanas na própria escola.

² Ao utilizarmos o termo “Catolicismo”, estaremos nos referindo ao Catolicismo Romano já que, basicamente, não iremos abordar outras formas de Catolicismo.

O tema se faz valer no contexto atual em que se encontram elementos de intolerância e polarização, de individualismo, de exclusão, corrupção e injustiças diante dos quais a educação pode dar uma resposta que favoreça a mudança de pensamento e de conduta. Francisco reconhece a força de um processo educativo claro, voltado para valores e práticas pautadas na ética e no bem comum, ultrapassando as fronteiras religiosas. Em especial, porque toda a educação, enquanto política e formadora de opinião assume posicionamentos que, embora influenciados, influenciam significativamente na construção da sociedade. Neste sentido, faz-se necessário refletir sobre as indicações do Papa e de como elas se fazem valer no cotidiano da escola.

A proposta de Francisco

Acompanhando as palavras e gestos do Papa Francisco, fica evidente que ele possui um projeto de Igreja que a faz sair de suas zonas de conforto para estar a serviço da humanidade. Convoca a ser “igreja em saída”. Seu sonho é o de fazer acontecer algo novo, realizado por pessoas capazes de refletir, discutir e discernir acerca de questões emergenciais e reais do cotidiano respondendo aos novos desafios do tempo. Toca sem medo em questões polêmicas e denuncia aspectos da sociedade que não estão de acordo com a ética e que não promovem o bem comum. Mostra assim que seu projeto não se refere apenas aos cristãos católicos: o Papa aponta para um novo jeito de viver entre as diferenças de forma harmônica e solidária.

O documento “Educar para o humanismo solidário” expressa o novo ambiente eclesial e procura tornar mais explícita as expectativas do Papa quanto à educação. Humanizar, cultura do diálogo e semear a esperança são as expressões chave do documento e que, de alguma forma, sintetizam o pensamento do Papa Francisco que se expressa pouco a pouco, com pequenos detalhes em diversas de suas falas e também em suas ações.

Tomando como ponto de partida a *Evangelii Gaudium*, texto programático, Francisco aponta para a saída missionária que visa uma evangelização que toque a pessoa humana na sua integralidade: “A partir do coração do Evangelho, reconhecemos a conexão íntima que existe entre evangelização e promoção humana, que se deve necessariamente exprimir e desenvolver em toda a ação evangelizadora” (EG 178).

Nesta linha, política, imigração, tráfico de pessoas, armamento, questões da moral católica, juventude e outras questões relacionadas ao cotidiano das pessoas e os organismos sociais ganham destaque nas palavras de Francisco. Surge também um cuidado com as coisas pequenas, do dia a dia do convívio social, desde as simples palavras como “obrigado”, “com licença” e “desculpe”¹, chegando também a níveis mais globais como a denúncia das estruturas que promovem as injustiças.

A formação integral se faz passo a passo, em todos os momentos e por todos os responsáveis pela educação. O Papa fala da “alfabetização integral” que significa a “integração das diferentes linguagens que nos constituem como pessoas... que integre e harmonize o intelecto, os afetos e a ação, concretamente a cabeça, o coração e as mãos.” (Discurso na Visita à Pontifícia Universidade Católica do Chile, 2018). No entanto, este é caminho que envolve diversos atores em diferentes cenas e cenários. Para melhor reflexão e posterior concretizar deste caminho e sem desconsiderar a variedade de elementos citados por Francisco nos diversos discursos sobre educação e outros momentos em que menciona o tema e destacam-se alguns aspectos centrais indicados por Francisco para que o projeto educativo aconteça.

O pacto Educativo

O Papa Francisco pensa em comunidade, por assim dizer. Parece não acreditar que se possa construir algo novo sozinho. Por isso pergunta, cria equipes, ouve pessoas e instituições, está atento ao seu entorno, abre espaços para o diálogo, vai ao encontro das pessoas, inclusive aquelas que discordam de suas propostas. Sabe que a educação não está restrita ao ambiente escolar. Reconhece a importância da família, da sociedade e da Igreja, percebe que nos vários âmbitos podem ser trabalhados os valores. Considera o âmbito da educação formal, a família e espaços diferenciados como o esporte e o lazer. Por isso fala em reatar o “pacto educativo” que, no seu entender, está rompido, visto que falta “cumplicidade” entre as partes, especialmente entre professores e famílias, não excluindo a sociedade como um todo.

Por “pacto educativo” Francisco entende a colaboração entre a família, escola e Estado, como afirma no discurso aos educadores católicos italianos (Discurso à Associação Italiana de Professores Católicos, 5 jan. 2018).

¹ CF. HOMILIA DO SANTO PADRE. PRAÇA DE SÃO PEDRO, 13 OUT. 2013. DISPONÍVEL EM http://w2.vatican.va/content/francesco/pt/homilies/2013/documents/papa-francesco_20131013_omelia-giornata-mariana.html. ACESSO EM 20 MAR. 2018.

É necessário reconhecer as mudanças relativas tanto à família como à escola, e renovar o compromisso em prol de uma colaboração construtiva — isto é, restabelecer a aliança e o pacto educativo — para o bem das crianças e dos jovens. E uma vez que esta sinergia já não acontece de modo “natural”, é preciso favorecê-la de maneira planificada, inclusive com a contribuição de especialistas em campo pedagógico. Mas, antes ainda, é necessário estimular uma renovada “cumplicidade” — estou ciente do uso desta palavra — uma nova cumplicidade entre professores e pais. Antes de tudo, renunciando a considerar frentes contrapostas, culpando-se reciprocamente, mas, ao contrário, colocando-se uns no lugar dos outros, compreendendo as dificuldades objetivas que hoje ambos encontram na educação e, deste modo, criando maior solidariedade: cumplicidade solidária.

A partir de sua própria experiência como filho, estudante e educador, o Papa destaca a importância de pais e professores manterem a mesma linguagem, estarem em sintonia para cultivar valores que tocam diretamente ao convívio social. No seu entender, ninguém vive sozinho, por isso os espaços de convivência são importantes para desenvolver as virtudes necessárias para ser um bom cidadão e um bom cristão. Isso se aprende em cada momento. Assim, é importante que o processo educativo seja coerente no âmbito da escola e da família mantendo a mesma linguagem e a mesma atitude.

Cabe destacar também, que, embora se remeta à experiências pessoais, de sua infância, o Papa não sugere uma volta às formas disciplinadoras de tempos idos. Ele instiga a encontrar novas formas de resgatar elementos essenciais da boa convivência e da subsidiariedade de forma criativa, respondendo aos novos tempos, mas com destaque para o coletivo, visto que se vive em sociedade.

A família é o primeiro núcleo de relações: as relações com o pai e com a mãe e com os irmãos é a base, e acompanha-nos sempre na vida. Mas na escola nós “socializamos”: encontramos pessoas diferentes de nós, diversas por idade, cultura, origem, capacidade. A escola é a primeira sociedade que integra a família. A família e a escola nunca devem estar contrapostas! São complementares, e, por conseguinte é importante que colaborem, no respeito recíproco (Discurso aos estudantes e professores das escolas italiana, 2014).

Com o pacto educativo, o Papa apostava em uma linguagem única para uma formação integral, da mente e do coração para gerar “harmonia na mesma pessoa, no educando, e sintonia universal, de modo que todos nós assumamos o pacto da educação e, agindo deste modo, consigamos sair desta crise da civilização em que vivemos” (Discurso por ocasião do IV Congresso Mundial de “Scholas Occurrentes”, 2015).

A linguagem única, acompanhada da atitude coerente em todos os âmbitos lançam as bases da formação das novas gerações tornando-as capazes de “cuidado e ternura” (Discurso à Associação Italiana de Professores Católicos, 5 jan. 2018), cultivado em ambientes com “ares” saudáveis, mais solidários.

Cultura do encontro

Na *Evangelii Gaudium* encontram-se vários ecos do Documento de Aparecida que insiste que a evangelização se dá pelo encontro: é o encontro com Jesus que motiva o evangelizador e este mesmo encontro é que faz novos discípulos missionários. Entretanto, é improvável que o encontro com o divino aconteça sem a experiência do encontro com o outro ao lado. A ideia do “encontro”, seja com Cristo, seja nas relações humanas, aparece com frequência nas falas do Papa Francisco chegando a constituir o que ele chama de “cultura do encontro”. Para ele “o Evangelho convida-nos sempre a abraçar o risco do encontro com o rosto do outro, com a sua presença física que interpela, com os seus sofrimentos e suas reivindicações, com a sua alegria contagiosa permanecendo lado a lado” (EG, n. 88).

Para o Papa Francisco, é importante “educar humanamente, mas com horizonte abertos. Todo tipo de fechamento não serve para a educação” (Discurso aos participantes do Congresso Mundial de Educação Católica promovido pela Congregação para Educação Católica com o tema: “Educar hoje e amanhã, uma paixão que se renova.”, 2015). Considera a abertura à transcendência, mas também a abertura ao diferente, à saída de si mesmo. Nesta perspectiva, a educação também acontece pelo e para o encontro entre pessoas. A escola, em especial, se torna o lugar do encontro que abre o leque de relações, educando para outros encontros. Torna-se então

É um lugar de encontro no caminho. Encontram-se os companheiros; encontram-se os professores; encontra-se o pessoal assistente. Os pais encontram os professores; o presidente encontra as famílias, etc. É um lugar de encontro. E nós hoje precisamos desta cultura do encontro para nos conhecer, para nos amar, para caminhar juntos. E isto é fundamental precisamente na idade do crescimento, como um complemento da família (Discurso aos estudantes e professores das escolas italiana, 2014).

É mencionado também o “encontro com o rosto²” que pede aceitação, compreensão, ajuda material, responsabilidade. Na *Laudato Sí* (n. 204), ressoa a denúncia “Quando as pessoas se tornam autorreferenciais e se isolam na própria consciência, aumentam a sua voracidade: quanto mais vazio está o coração da pessoa, tanto mais necessita de objetos para comprar, possuir e consumir”. O individualismo é tema citado, com preocupação, na *Evangelii Gaudium* (n. 78), indicando a necessidade da saída de si para vencer o “generalizado individualismo que divide os seres humanos e põe-nos uns contra os outros visando o próprio bem-estar” (EG, n. 99). Ora, a educação tem a força transformadora para superar tal desafio, por isso

Os professores cristãos, que trabalham quer em escolas católicas, quer em escolas estatais, são chamados a estimular nos alunos a abertura ao outro como rosto, como pessoa, como irmão e irmã que deve ser conhecido e respeitado, com a sua história, as suas qualidades e defeitos, riquezas e limites (Discurso à Associação Italiana de Professores Católicos, 5 jan. 2018).

Francisco insiste em diversos momentos a necessidade de criar a cultura do encontro para a superação da “indiferença relativista” (EG, n. 61) que afasta a pessoa do ideal de humanidade, pois ser humano é ser pertença para além de fronteiras religiosas, nacionalistas, éticas, considerando e respeitando as diferenças culturais. Naturalmente que este apelo se estende ao campo educativo que tem, de antemão, ambiente privilegiado para promover o encontro entre pessoas diferentes e exercitar a aceitação e o respeito mútuo. Cabe lembrar, que em diversos momentos a mídia apresenta o Papa Francisco em encontros com pessoas, inclusive com diferentes credos religiosos e ideologias. Com isso, percebe-se mais claramente a coerência do discurso e a prática de acolhida e respeito à diversidade.

Educar para a comunidade humana

A cultura do encontro aponta para o pensar no outro, “como rosto”, reconhecendo sua dignidade, suas necessidades e anseios. De mãos dadas com esta atitude está o pensar o “nós”, sentir-se parte, pois “a Palavra de Deus convida-nos também a reconhecer que somos povo: ‘Vós que outrora não éreis um povo, agora sois povo de Deus’” (EG, n. 268). A história povo de Israel mostra a importância de ser povo, de ser parte, comunidade.

² Embora o Papa não cite Levinás, pode-se destacar o conceito que este filósofo traz, ao cunhar o termo “rosto”: “é a exposição pura, extração sem defesa, sem cobertura”. É um apelo que exige uma resposta. (Cf. LEVINÁS, Emmanuel. *Entre nós. Ensaios sobre a alteridade*. Petrópolis: Vozes, 2004, p. 215).

A partir do sentido de pertença é possível falar em “fraternidade universal” (LS, n. 228), “responsabilidade pela ‘casa comum’” (LS, n. 12), “solidariedade intergeracional” (LS, n. 159).

Especialmente o texto da *Laudato Sì* insiste na ideia de que tudo está interligado, que as consequências de uma ação atinge a todos, por isso “deve ser reconhecido com carinho e admiração o valor de cada uma, e todos nós, seres criados, precisamos uns dos outros” (LS, n. 42). Já que “ninguém se salva sozinho” (EG, n. 113), o Papa insiste na ideia de “comunidade humana” e “ecologia humana” que é “é inseparável da noção de bem comum” (LS, n. 156). A partir de ações de cuidado, o Papa sugere que seja desenvolvida a consciência do bem comum. Educar para a comunidade humana se dá de forma concreta, como explica o Papa:

Por exemplo, preocupam-se com um lugar público (um edifício, uma fonte, um monumento abandonado, uma paisagem, uma praça) para proteger, sanar, melhorar ou embelezar algo que é de todos. Ao seu redor, desenvolvem-se ou recuperam-se vínculos, fazendo surgir um novo tecido social local. Assim, uma comunidade liberta-se da indiferença consumista. Isto significa também cultivar uma identidade comum, uma história que se conserva e transmite. Desta forma cuida-se do mundo e da qualidade de vida dos mais pobres, com um sentido de solidariedade que é, ao mesmo tempo, consciência de habitar numa casa comum que Deus nos confiou. Estas ações comunitárias, quando exprimem um amor que se doa, podem transformar-se em experiências espirituais intensas (LS, n.232).

“O todo é superior à parte” é a ideia desenvolvida na *Evangelii Gaudium* (234-237) que perpassa toda a *Laudato Sì*, sobretudo quando se refere aos interesses econômicos, à propriedade privada, às questões ecológicas, ao cuidado com os pobres. Para viver neste ambiente, é preciso pensar comunitariamente. Educar para pensar a comunidade humana implica em, diante dos “desafios morais” da contemporaneidade, “contrastar com um modelo solidário, que se dedique ao bem comum e à paz, a concepção moderna do intelectual, em busca de reconhecimentos pessoais, muitas vezes sem ter em consideração o próximo” (Discurso aos participantes no IV Congresso Mundial de Pastoral para os estudantes internacionais, 2016).

Falando da capacidade de progredir em comunidade, ele insiste que “a comunidade educativa guarda, em si mesma, um número infinito de possibilidades e potencialidades, quando se deixa enriquecer e interpelar por todos os atores que compõem a realidade educativa. Isto requer um maior esforço em termos de qualidade e integração” (Discurso na visita à Pontifícia Universidade Católica do Chile, 2018).

Além disso, são inúmeras as menções de Francisco acerca da realidade que precisa ser contemplada, compreendida, para que nela se possa atuar. A realidade que vai além do “meu mundo”, das minhas necessidades e interesses.

Ir à escola significa abrir a mente e o coração à realidade, na riqueza dos seus aspectos, das suas dimensões. E nós não temos direito a recear da realidade! A escola ensina-nos a compreender a realidade. Ir à escola significa abrir a mente e o coração à realidade, na riqueza dos seus aspectos, das suas dimensões. E isto é muito agradável! (Discurso aos estudantes e professores das escolas italianas, 2014).

Para o Papa, é importante educar para a comunidade humana a partir da realidade. É o movimento de “saída” de si (EG, n. 21). Educar para sensibilizar-se e atuar para o “nós”, porque “sem o ‘nós’ [...] que ‘me’ transcenda e seja mais rica do que os interesses individuais, a vida será não só cada vez mais fragmentada, mas também mais conflituosa e violenta” (Discurso na visita à Pontifícia Universidade Católica do Chile, 2018). Pessoas formadas para pensar no corpo social, para além do próprio círculo social, sentindo-se parte da comunidade humana, atuam para ampliar as relações de entre ajuda e solidariedade, de tolerância e cuidado com o que é de todos.

Pensar criticamente

O Papa destaca a secularização e o consequente esvaziamento do sentido de transcendência e aponta como “... necessária uma educação que ensine a pensar criticamente e ofereça um caminho de amadurecimento nos valores...” (EG 64). Pensar criticamente, saber avaliar, discernir vai de encontro com a formação jesuítica do Papa cuja palavra “discernimento” se torna capital tanto para os processos de crescimento humano e espiritual como para a tomada de decisões em instâncias que interferem nas relações humanas.

A escola é lugar privilegiado para despertar os processos do conhecer, o pensar criticamente. A realidade multicultural, por isso mesma, exige maior capacidade de avaliação e escolha. Frente à necessidade de agir eticamente o prevalecer de aspectos econômicos e tecnológicos pedem constante avaliação sobre si mesmo e sobre a realidade circundante. Francisco questiona os educadores acerca de seu compromisso em desenvolver o espírito crítico.:

Convosco, educadores, eu me interrogo: Velais pelos vossos alunos, ajudando-os a desenvolver um espírito crítico, um espírito livre, capaz de cuidar do mundo atual? Um espírito que seja capaz de procurar novas respostas para os múltiplos desafios que a sociedade coloca hoje à humanidade? Sois capazes de os estimular para não se desinteressarem da realidade que os rodeia, não se desinteressarem daquilo que está acontecendo ao redor? Sois capazes de os estimular nisso? Para tal, é preciso tirar-lhes da sala de aula, a sua mente tem que sair da sala de aula, seu coração tem que sair da sala de aula. Como entra, nos currículos universitários ou nas diferentes áreas do trabalho educativo, a vida que nos rodeia com as suas perguntas, suas interpelações, suas controvérsias? Como geramos e acompanhamos o debate construtivo que nasce do diálogo em prol de um mundo mais humano? O diálogo, esta palavra-ponte, esta palavra que cria pontes (Discurso na Pontifícia Universidade Católica do Equador, Quito, 2015).

Em especial na *Laudato Si*, frente ao problema do esgotamento dos recursos naturais, o Papa mostra preocupação com o “paradigma tecnocrático”. Este gera não apenas o mau uso dos recursos naturais, mas aliado aos interesses econômicos, geram exclusão social, baixa qualidade de vida das pessoas, estimula o consumismo, o individualismo... O desenvolver do pensamento crítico é um dos fatores que poderiam contrapor-se a este panorama, como afirma o Papa: “Deveria ser um olhar diferente, um pensamento, uma política, um programa educativo, um estilo de vida e uma espiritualidade que oponham resistência ao avanço do paradigma tecnocrático” (LS, n. 111) questionando suas bases e interesses.

Ainda na *Laudato Si*, Francisco insiste em tomadas de decisões que são fruto do diálogo, da reflexão, da informação correta para se chegar ao bem comum. Insiste que “a participação requer que todos sejam adequadamente informados sobre os vários aspectos e os diferentes riscos e possibilidades, e não se reduza à decisão inicial sobre um projeto, mas implique também ações de controle ou monitoramento constante” (LS, n. 183). Ora, o mesmo exige pessoas capazes de pensamento crítico, com visão ampla das relações políticas e econômicas e capazes de ir além dos próprios interesses. Da mesma forma, o caminho que está propondo para a Igreja em questões difíceis, de moral, como as ligadas ao matrimônio, por exemplo, mostram o caminho da razoabilidade em cada circunstância para não apenas cumpridores da “lei que se impõe de fora” (AL, n. 176). Isso exige o amadurecimento da capacidade de refletir e decidir tendo como base valores éticos e, para os cristãos, o Evangelho.

Tecnologia, economia e poder

Na *Laudato Si* aparece de forma clara a relação entre mudanças culturais e educação. Afirma Francisco: “toda a mudança tem necessidade de motivações e dum caminho educativo” (LS, n. 15). O tema ecologia não é tratado de forma abstrata ou isolada, mas considera e chama a atenção para uma ecologia integral, conjugando ciência e fé de forma harmônica colocando a ética como um ponto de encontro entre ambas. Remete a Francisco de Assis que indica que a “ecologia integral requer abertura para categorias que transcendem a linguagem das ciências exatas ou da biologia e nos põem em contacto com a essência do ser humano” (LS, n. 11), que se preocupe com a criação e com as pessoas, sobretudo com os pobres, mesmo em detrimento dos interesses econômicos. Para o Papa a questão ecológica traz como pano de fundo um problema cultural, educativo, humano. Ele afirma: “como estão intimamente ligadas a degradação ambiental e a degradação humana e ética” (LS, n. 56). O capítulo sobre educação e ecologia, convém lembrar, inicia falando justamente sobre “um grande desafio cultural, espiritual e educativo que implicará longos processos de regeneração” (LS, n. 202) para uma “ecologia humana” (LS, n. 5).

Francisco reconhece o poder de influência das tecnologias nas diferentes culturas e as relações entre conhecimento e poder. Denuncia claramente a supremacia da técnica e dos interesses econômicos na destruição do meio ambiente e das culturas e da manutenção de cinturões de pobreza como mal necessário ao progresso.

Insiste que “a verdade é que ‘o homem moderno não foi educado para o reto uso do poder’, porque o imenso crescimento tecnológico não foi acompanhado por um desenvolvimento do ser humano quanto à responsabilidade, aos valores, à consciência” (LS, n. 105). Por essa razão, urge formar lideranças (LS, n. 53) que não se deixem guiar pelo mau uso do poder, mas que possam receber uma formação que preencha a carência “de uma ética sólida, uma cultura e uma espiritualidade que lhe ponham realmente um limite e o contenham dentro dum lúcido domínio de si” (LS, n. 105).

Os desafios da tecnologia e da economia são constantemente considerados nas falas do Papa Francisco. Frequentemente denuncia a “cultura do descarte”, as guerras promovidas por interesses econômicos e inúmeras injustiças sociais. Apostava que:

[...] a inteligência, a excelência acadêmica e o profissionalismo na atividade, harmonizados com a fé, a justiça e a caridade, longe de se debilitar, adquirem uma força que é profecia, capaz de abrir horizontes e iluminar o caminho, especialmente para as pessoas descartadas da sociedade, sobretudo nos dias de hoje em que está em voga esta cultura do descarte (Discurso na visita à Pontifícia Universidade Católica do Chile, 2018).

Desta forma, aposta que a escola, em especial a confessional que contribui com o diálogo ciência e fé, seja promotora de atitudes baseados nos valores éticos que levem a pensar o bem comum numa relação de corresponsabilidade. Cabe lembrar que Francisco considera a importante contribuição da fé, enquanto conhecimento religioso a ser apresentado no debate e também o ensinamento moral e a dimensão contemplativa das religiões. O Papa desafia a toda a sociedade a se corresponsabilizar com um processo educativo que concilie técnica e ética, conhecimento e poder, para colocar tudo a serviço da pessoa humana.

Humanismo solidário

A estes elementos do pensamento do Papa Francisco sobre a educação, muitas outras poderiam somar-se, igualmente expressivos: comprometimento com as questões sociais, a educação para a beleza e contemplação, as relações de autoridade e a formação de lideranças ativas na sociedade, a qualificação e valorização dos educadores, o diálogo... A lista é grande e indica a preocupação com a formação integral das novas gerações e com mudanças reais na sociedade.

Ao mesmo tempo, se se quer conseguir mudanças profundas, é preciso ter presente que os modelos de pensamento influem realmente nos comportamentos. A educação será ineficaz e os seus esforços estéreis, se não se preocupar também por difundir um novo modelo relativo ao ser humano, à vida, à sociedade e à relação com a natureza (LS, n. 215).

A “crise ética” denunciada na *Laudato Sì*, a dimensão social da evangelização expressas, amplamente, no capítulo IV da *Evangelii Gaudium* somadas às dicas de convívio no dia a dia, e exemplos, dos mais corriqueiros em que se podem vivenciar valores humanos, bem como seus gestos, revelam o olhar atento do Papa Francisco às realidades complexas e seus apelos. Ele está ciente da complexidade da realidade e as rápidas mudanças quem nem sempre favorecem a comunidade humana. É sensível a elementos da vida privada, familiar, como também das complexas relações sociais. Quer cristãos e cidadãos que possam atuar positivamente neste contexto. Quer uma mudança global, para o bem comum.

Seu cuidado não é apenas com seu rebanho de fiéis católicos, mas com todos. É um projeto de humanidade, por isso convida a “educar para o humanismo solidário”.

O texto da Congregação para a Educação Católica, “Educar ao humanismo solidário”, retomando a *Populorum Progressio* e o termo “civilização do amor”, basilares para o pensamento de Francisco, indicam um caminho educativo que responde ao projeto de humanidade dado pelo Papa, ou melhor, pelo Evangelho. O texto indica a proposta de um “novo modelo ético-social, capaz de abraçar parcelas cada vez maiores da humanidade, onde era preciso trabalhar pela paz, justiça e solidariedade com uma visão capaz de assimilar o horizonte global das escolhas sociais” (n. 1), anunciado por Paulo VI, em 1967.

O próprio Francisco, na plenária da mesma Congregação já havia delineado os termos chaves de sua compreensão da educação: “humanizar a educação”, “cultura do diálogo” e “semear a esperança” (Discurso aos participantes da Plenária da Congregação para Educação Católica, 2017). As mesmas, desenvolvidas no texto “Educar para o humanismo solidário” sintetizam de forma mais qualificada o que se pode facilmente identificar nos mais diversos discursos e nas ações do Papa.

Embora a clareza do texto dispense delongadas interpretações, pode-se observar que os elementos do pensamento de Francisco, destacados no presente estudo, são como pequenas partes que compõem o todo. Os três expressões chaves do texto da Congregação para Educação Católica, sintetizam e constroem-se a partir de pequenas atitudes, da cultura do encontro, de pensar o “nós” e criticamente, de corresponsabilidade entre os diversos personagens envolvidos na formação das novas gerações, da capacidade de lidar com as relações de poder e colocar o conhecimento a serviço da humanidade. São “ideais” que se fazem no cotidiano e as falas do Papa indicam como eles podem realizar-se.

Tudo conflui para a humanização. Como o próprio texto afirma: “‘Humanizar a educação’ significa colocar a pessoa no centro da educação, num quadro de relações que compõem uma comunidade viva, interdependente, vinculada a um destino comum. É desta maneira que é caracterizado o humanismo solidário” (Educar ao Humanismo Solidário, nn. 8-9). O ideal educativo do pontificado de Francisco é claro e pretende unir todas as forças vivas para uma renovação da humanidade, baseado na esperança cristã. Ao propor diretrizes para a Igreja o Papa afirma que “evangelizar é tornar o Reino de Deus presente no mundo” (EG, n. 176).

Fazer o Reino de Deus presente no mundo começa por trazer à tona a plenitude do humano, do qual Cristo é o modelo. É processo viável, possível e que começa a partir de decisões fundamentais, pautadas na experiência do amor, que gerem ações, plasmem estilos de vida e concretizem o humano em cada um.

Considerações finais

A importância dada por Francisco à educação aponta para projeto de humanidade. Francisco age agora pensando no amanhã. Lança sementes hoje, pensando nos frutos a serem colhidos. Vive de esperança, tema que também ganha destaque em suas colocações, particularmente sobre a educação. A coerência entre a fala e as atitudes de Francisco lhe dá credibilidade, desperta o interesse por seu pensamento e por suas propostas. Assim como ele age, de acordo com o discurso, acredita que a educação também se faz assim: teoria e prática, ensino e exemplo, reflexão e experiências de vida concreta. Apostava na educação integral e que torne apto a ser fiel aos valores do Evangelho e ao, mesmo tempo, conviver entre diferentes opiniões, culturas e valores, tendo em vista o valor maior que é a vida humana. Não se trata apenas de uma mudança de discurso ou o elencar de novas prioridades. Versa um novo paradigma: a “Igreja em saída” que não é apenas um impulso missionário para difusão do Evangelho enquanto ideologia, mas o assumir, com todas as suas consequências, a proposta do Evangelho que é colocar a pessoa humana no centro do plano da salvação.

Seu projeto de Igreja e de humanidade está posto de forma clara e os caminhos igualmente. Mudanças de paradigmas são lentas, e os processos educativos são primordiais na sua concretização. A proposta de Francisco instiga e compromete a todos os cristãos, não somente educadores. Conta também com a união de pessoas e instituições em prol da formação do cidadão capaz de atuar, com liberdade, para o bem de todos. Na busca pela justiça, pela igualdade conta com todos, inclusive os não cristãos, a colaborarem para que o convívio humano seja mais solidário. Diante disso, a questão que se coloca é: como educadores, de todas as partes do mundo, em especial os cristãos, entendem e se posicionam frente a esta proposta educativa? Como formadores de formadores, pais, sociedade civil entende e a coloca em prática?

Promover a solidariedade, especialmente com os mais fracos, dialogar para construir um mundo melhor e, particularmente para a escola católica, irradiar a esperança da certeza da salvação em Cristo, sair de si, dasseguranças das instituições e estruturas, pensar a humanidade é o caminho proposto para humanizar a educação e, consequentemente, a sociedade. O projeto de Francisco, ou do Evangelho, abre possibilidades e desafia a responder com sabedoria aos “sinais dos tempos”, tendo em vista os tempos futuros.

Referências

- CONGREGAÇÃO PARA EDUCAÇÃO CATÓLICA. Educar ao Humanismo Solidário.** Para construir uma “civilização do amor” 50 anos após a *Populorum Progressio*. Disponível em: <http://www.vatican.va/roman_curia/congregations/ccatheduc/documents/rc_con_ccatheduc_doc_20170416_educare-umanesimo-solidale_po.html>. Acesso em: 22 mar. 2018.
- IGREJA CATÓLICA.** Papa (1936-1978: Paulo VI). Carta Encíclica ***Populorum Progressio*** sobre o desenvolvimento dos povos. Disponível em: <http://w2.vatican.va/content/paul-vi/pt/encyclicals/documents/hf_p-vi_enc_26031967_populorum.html>. Acesso em 20 mar. 2018.
- IGREJA CATÓLICA.** Papa (2013- : Francisco). Carta Encíclica ***Laudato Si***. Sobre o cuidado da casa comum. Disponível em: <http://w2.vatican.va/content/francesco/pt/encyclicals/documents/papa-francesco_20150524_enciclica-laudato-si.html>. Acesso em 20 mar. 2018.
- IGREJA CATÓLICA.** Papa (2013- : Francisco). Discurso à Associação Italiana de Professores Católicos, 5 jan. 2018. Disponível em: <http://w2.vatican.va/content/francesco/pt/speeches/2018/january/documents/papa-francesco_20180105_maestri-cattolici.html>. Acesso em 18 mar. 2018.
- IGREJA CATÓLICA.** Papa (2013- : Francisco). Discurso aos estudantes e professores das escolas italianas, 10 mai. 2014. Disponível em: <https://w2.vatican.va/content/francesco/pt/speeches/2014/may/documents/papa-francesco_20140510_mondo-della-scuola.html>. Acesso em: 21 mar. 2018.
- IGREJA CATÓLICA.** Papa (2013- : Francisco). Discurso aos participantes no IV Congresso Mundial de Pastoral para os estudantes internacionais, 1 dez. 2016. Disponível em: <https://w2.vatican.va/content/francesco/pt/speeches/2016/december/documents/papa-francesco_20161201_pastorale-studenti-internazionali.html>. Acesso em: 18 mar 2018.
- IGREJA CATÓLICA.** Papa (2013- : Francisco). Discurso aos participantes da Plenária da Congregação para Educação Católica, 9 fev. 2017. Disponível em: <https://w2.vatican.va/content/francesco/pt/speeches/2017/february/documents/papa-francesco_20170209_plenaria-educazione-cattolica.html>. Acesso em: 22 mar. 2018.
- IGREJA CATÓLICA.** Papa (2013- : Francisco). Discurso aos participantes do Congresso Mundial de Educação Católica promovido pela Congregação para Educação Católica com o tema: “Educar hoje e amanhã, uma paixão que se renova.”, 2015. Disponível em: <https://w2.vatican.va/content/francesco/pt/speeches/2015/november/documents/papa-francesco_20151121_congresso-educazione-cattolica.html>. Acesso em: 23 mar. 2018.
- IGREJA CATÓLICA.** Papa (2013- : Francisco). Discurso na Pontifícia Universidade Católica do Equador, Quito, 7 jul. 2015. Disponível em: <http://w2.vatican.va/content/francesco/pt/speeches/2015/july/documents/papa-francesco_20150707_ecuador-scuola-universita.html>. Acesso em 15 mar. 2018.

IGREJA CATÓLICA. Papa (2013- : Francisco). Discurso na visita à Pontifícia Universidade Católica do Chile, 17 jan. 2018. Disponível em:
<http://w2.vatican.va/content/francesco/pt/speeches/2018/january/documents/papa-francesco_20180117_cile-santiago-pontuniversita.html>. Acesso em: 20 mar. 2018

IGREJA CATÓLICA. Papa (2013- : Francisco). Exortação Apostólica ***Evangelii Gaudium***. Sobre o anúncio do evangelho no mundo atual. São Paulo: Paulinas, 2013.

IGREJA CATÓLICA. Papa (2013- : Francisco). Exortação Apostólica Pós-sinodal ***Amoris Laetitia***. Sobre o amor na família. São Paulo: Paulus, 2016.

IGREJA CATÓLICA. Papa (2013- : Francisco). Homilia do Santo Padre Praça de São Pedro. Domingo, 13 de Outubro de 2013. Disponível em:
<http://w2.vatican.va/content/francesco/pt/homilies/2013/documents/papa-francesco_20131013_omelia-giornata-mariana.html>. Acesso em: 19 mar. 2018.

IGREJA CATÓLICA. Papa (2013- : Francisco). Mensagem ao Presidente do Pontifício Conselho para os Leigos por ocasião do Seminário Internacional de Estudos: "Treinadores: Educadores de Pessoas". Disponível em: <https://w2.vatican.va/content/francesco/pt/messages/pont-messages/2015/documents/papa-francesco_20150514_messaggio-allenatori-educatori.html>

**RECEBIDO em 29/10/2018
APROVADO em 15/12/2018**